

**Fundamentos, desdobramentos e aplicações da Teoria Saussuriana:
o caso das relações associativas e sintagmáticas**

**Foundations, Developments, and Applications of Saussurean Theory:
the Case of Associative and Syntagmatic Relations**

John Kevin Lopes de Araújo da Silva¹, Jhucyane Pires Rodrigues²

Capes/Universidade Federal de Alagoas (Brasil), Universidade Federal de Alagoas (Brasil)

RESUMO

O presente estudo, situado no campo da linguística estruturalista, visa discutir sobre a concepção teórica e dicotômica das relações associativas e das relações sintagmáticas e a sua relevância na atualidade para além do Curso de Linguística Geral considerando também o ensino e a sociedade de modo amplo. Para isso, a pesquisa que é de cunho bibliográfico tem como principal aporte teórico o Curso de Linguística Geral, escrito pelos discípulos de Ferdinand de Saussure; Ducrot e Todorov (1982); Jakobson (1981); Ilari (2004) e Bez e Aquino (2011), dentre outros estudiosos. Como conclusão, destacamos o fato de que tais categorias cumprem não apenas o papel de explicar a organização interna do sistema linguístico, mas também dialogam com outros campos teóricos e estudos que auxiliam em nossas vidas. Além disso, compreendemos que não há funcionamento linguístico sem a presença das relações paradigmáticas e sintagmáticas.

PALAVRAS-CHAVE:

Estruturalismo. Paradigma. Sintagma. Desdobramentos.

ABSTRACT

This study, situated within the field of structuralist linguistics, aims to discuss the theoretical and dichotomous conception of associative (paradigmatic) and syntagmatic relations, as well as their relevance today beyond the *Course in General Linguistics*, considering also their implications for education and society more broadly. To this end, this bibliographic research draws primarily on the *Course in General Linguistics*, written by Ferdinand de Saussure's disciples; Ducrot and Todorov (1982); Jakobson (1981); Ilari (2004); and Bez and Aquino (2011), among other scholars. As a conclusion, we highlight that these categories serve not only to explain the internal organization of the linguistic system but also interact with other theoretical fields and studies that contribute to our daily lives. Furthermore, we understand that linguistic functioning is not possible without the presence of both paradigmatic and syntagmatic relations.

KEYWORDS:

Structuralism. Paradigm. Syntagm. Developments.

Recebido em: 1º ago. 2025

Aceito em: 29 out. 2025

¹ E-mail: johnkevin.letras@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1859-9779>.

² E-mail: jhucyanep.rodrigues@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2130-193X>.

1. Introdução

A Linguística como ciência é assim concebida a partir da publicação, em 1916, da obra póstuma *Curso de Linguística Geral* (CLG), atribuída a Ferdinand de Saussure, mas organizada e editada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger a partir das anotações dos cadernos de estudantes que participaram dos cursos ofertados por Saussure na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911 e também a partir de poucas notas manuscritas do próprio Saussure. Diante desse apontamento, surge um questionamento: mas o que acontecia antes?

Os estudos linguísticos tidos como pré-saussurianos são assim divididos na introdução do CLG: a Gramática; a Filologia; a Linguística Histórica ou Comparativa e o Movimento dos Neogramáticos. Para compreendermos o caráter fundante de cientificidade ao Estruturalismo, nome atribuído à teoria desenvolvida por Saussure, é fundamental realizar breves considerações acerca dos referidos estudos.

A Gramática pensada pelos gregos tinha um caráter normativo e prezava pela definição da forma que consideravam correta e/ou errada para a escrita, pautando-se para isso em uma lógica desprovida de um estudo científico (Saussure, 2006), e, por conseguinte, puramente desinteressada no conhecimento da língua enquanto um sistema, isto é, como mobilizante de uma comunidade linguística que re/conhece o funcionamento de sua língua. Já a Filologia, descreve Saussure (2006), tem como força motriz para a teoria o estudioso Friedrich August Wolf (1777) que se dedica a compreensão não apenas da língua, mas também da reconstrução de textos antigos para recuperar a história literária, posto que

quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica, aborda questões linguísticas, fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor (Saussure, 2006, p. 7-8).

O termo crítica não está aqui inserido com o intuito de um estudo voltado para o social, mas intrinsecamente relacionado a um estudo do texto, da recuperação destes e, consequentemente, da história das línguas e de seus povos.

Posteriormente, a partir da obra *Sistema da Conjugação do Sânscrito* (1816), de Franz Bopp, surgem os estudos históricos ou comparatistas, que evidenciam que no sânscrito há elementos linguísticos semelhantes com os de outros idiomas, como o grego e o latim. Portanto, realiza-se o

estudo da língua em comparação com outras, possibilitando identificar uma (possível) raiz comum que tenha originado as demais. Entretanto, esquece-se do fator que motiva as mudanças linguísticas, questão mobilizada pelos neogramáticos, com K. Brugmann, H. Osthoff, H. Paul etc., pela compreensão de que “não se viu mais na Língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (Saussure, 2006, p. 12).

Enfim chegamos ao Estruturalismo, momento em que, a partir do *Curso de Linguística Geral*, se estabelece um corte epistemológico que delimita um objeto para a linguística, a língua, a ser tratada mais adiante, com um método, o sincrônico. Ferdinand de Saussure foi o fundador do estruturalismo (Myers, 2015), uma vez que, enquanto professor e pesquisador no campo da filologia germânica e da história das línguas indo-europeias (Ilari, 2004), percebeu que a língua, de modo geral (toda língua), era constituída através de uma estrutura complexa e igualmente essencial à comunicação.

Nesse sentido, tendo como base os estudos anteriores, sobretudo, a gramática comparativa e os neogramáticos, Saussure observou a necessidade de novos métodos para o estudo da língua. Fato ocorrido, em partes, devido à ausência de métodos de pesquisas que fossem além da comparação das línguas “como elementos naturais” através da descrição, para ele “a descrição de um sistema linguístico não é a descrição física de seus elementos, e sim a descrição de sua funcionalidade e pertinência” (Ilari, 2004).

Dessa maneira, a linguística, mediante os postulados de Saussure, tornou-se uma “ciência piloto”, isto é, estruturada, autônoma, bem definida. De modo que, como aponta Benveniste (2005, p. 34), “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome”. Isso se deve ao fato de que ele redefiniu o objeto, o método e os princípios do estudo sincrônico (em um período específico) da língua.

A noção foi tão necessária ao momento científico que reverberou em outras áreas das ciências humanas, como a sociologia, a literatura, a antropologia, entre outras. É a partir desse momento que a Linguística deixa de subsistir enquanto parte de outras ciências e instaura seu próprio campo do conhecimento científico, com suas dicotomias e princípios constituintes.

Ao nos debruçarmos sobre o Estruturalismo e suas diversas contribuições aos estudos linguísticos, tomamos as considerações de Ilari (2004) para elencar o valor como integrante fundamental dessa sessão. Ilari (2004) argumenta que “toda teoria científica inovadora [como é o

caso da linguística moderna] se caracteriza por propor um novo enfoque sobre o objeto estudado e que, no caso do saussurianismo, esse novo enfoque é dado pela noção de valor”.

Sendo assim, para Saussure, valor é a função diferencial de um signo dentro do sistema da língua. Um signo só tem valor porque se opõe a outros, e é isso que permite à linguagem significar. Entretanto, é preciso atentar-se que o valor não é dado pelas relações exteriores, mas pela relação com outros signos no próprio sistema linguístico.

Suponha-se, por exemplo, que queremos falar da carne que vimos na seção de resfriados do supermercado, e que vamos fazê-lo em português e em inglês. Como se trata de carne bovina, falaremos em português de carne de boi (ou de vaca, conforme a região): em português, o nome da carne (bovina, de boi) é o mesmo que o do animal. Em inglês (por um acidente histórico que remonta à conquista da Inglaterra pelos normandos), os nomes dos animais, respectivamente, *ox* e *cow*, diferem de *beef*, que não se aplica aos animais, mas serve para indicar de que animal procede a carne. Diante desses fatos, o senso comum ao qual se opôs Saussure afirmaria que carne de vaca equivale a *beef*, porque ambos falam dos mesmos alimentos; pela teoria saussuriana do valor, ao contrário, não há equivalência possível, pois, a língua inglesa faz um recorte a mais (*ox*, animal bovino, vs. *beef*, carne do animal bovino) que para o português não é pertinente (Ilari, 2004).

Como demonstrado no exemplo acima, uma palavra é associada mentalmente a outras que podem “ocupar seu lugar”, como: carne de boi e *beef*. Ademais, o valor de um signo também se define pela sua posição na cadeia enunciativa, se sujeito, verbo, objeto, etc. Desse modo, é plausível dizer que o valor de um signo linguístico decorre das relações paradigmáticas (associativas) e sintagmáticas (combinatórias), que nos debruçaremos na próxima sessão, posto que o valor não está “dentro” da palavra, mas na rede de relações (de substituição e de combinação) que ela mantém.

Adentrando mais na teoria, identificamos uma dicotomia que conduziria os estudos linguísticos posteriores e que, por ser a primeira, é, por isso, fundante, eis a *langue* e a *parole*. Segundo Ilari (2004), provavelmente, Saussure foi o primeiro linguista a propor uma separação desse tipo.

De modo geral, Saussure afirma que

seria ilusório reunir sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala. O conjunto global da linguagem é incognoscível, já que não é homogêneo, ao passo que a diferenciação e subordinação propostas esclarecem tudo. [...] Cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos

separadamente. Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma linguística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua (Saussure, 2006, p. 28).

Compreendemos com Saussure que a *langue* (língua) é mensurável por ser estável, enquanto a *parole* (fala) é usada de forma individual e por isso não mensurável, além de não ser, para o teórico, o foco do estudo maior da linguística. Dada essas informações, entendemos a fala como “a parte psíquica (que) não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois, a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (*parole*)” (Saussure, 2006, p. 21, grifos nossos) e a língua como

um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. Pode-se localizá-la na porção determinada do circuito em que uma imagem auditiva vem associar-se a um conceito. Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade (Saussure, 2006, p. 22).

Por fim, o estruturalismo é composto por diversas dicotomias que se articulam para a construção da teoria e para a sua aplicabilidade, dentre elas, a das relações associativas e das relações sintagmáticas, que serão mobilizadas e exploradas neste artigo.

2. Metodologia: engrenagens

Essa pesquisa de cunho bibliográfico se propõe a discutir dentre tantas possibilidades a concepção teórica das relações associativas e das relações sintagmáticas e sua relevância não apenas para a teoria saussuriana, como também suas aplicações na atualidade para o ensino e para compreensão de questões da sociedade como também a sua relação com outras teorias linguísticas.

Durante a exposição referente a conceitualização das relações associativas e das relações sintagmáticas, mobilizamos outros conceitos partícipes do Estruturalismo que fazem a teoria funcionar como uma máquina de diversas peças diferentes, mas que formam um único objeto com suas possibilidades e limitações específicas.

Ademais, as relações associativas e sintagmáticas se intercomunicam e se intermobilizam na língua de forma recíproca, como expõem Bez e Aquino:

Esses dois eixos ou duas esferas entram em funcionamento no mecanismo linguístico e se completam. Quando colocamos a língua em funcionamento, quando temos uma ideia, não chamamos apenas um termo na nossa consciência, mas todo o sistema para julgamento e seleção (Bez e Aquino, 2011, p. 12).

E nesse *sistema*, termo usado no CLG, a língua se faz estrutura geral e padrão para seus falantes/membros. Começamos a mexer nas engrenagens.

3. O jogo das relações

3.1 O que são as relações associativas ou paradigmáticas?

Segundo Saussure (2006), a língua, em determinado estado, ou melhor, na sincronia, que é estudo de um período específico, baseia-se mediante relações interdependentes, são essas: as relações sintagmáticas e as relações associativas. Nesse sentido, “cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; a oposição entre essas duas ordens faz compreender melhor a natureza de cada uma. Correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua” (Saussure, 2006, p. 142).

As relações associativas são associações que ocorrem exclusivamente na mente do usuário da língua, ou seja, *in absentia*, e, dessa forma, são anteriores à circulação dos enunciados. Nessas relações constroem-se agrupamentos de palavras por analogia³, tendo como escopo as palavras já existentes. Essas relações fazem parte dos processos internos da mente, sobretudo, da memória humana, sendo assim ainda um processo em estudo e em constante mudança, por não ser algo visível como as relações sintagmáticas, que serão discutidas na próxima seção.

Acerca das relações associativas, Ducrot e Todorov (1982) pontuam que essas também podem ser conhecidas como paradigmáticas. Em um sentido mais amplo, paradigma é o conjunto de opções possíveis que podem preencher uma posição em uma cadeia linguística. Contudo, não se deve pensar essas relações de modo limitado, não se trata unicamente de colocar uma palavra “em lugar” de outra, de acordo com Saussure (2006, p. 145) “o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam”, isto é, a mente possui a capacidade não só de reconhecer os itens, mas também a relação que os liga, pois não existe uma única maneira de agrupar as palavras.

³ Processo mental ou estrutural que associa elementos com base em semelhanças formais ou funcionais.

No eixo paradigmático, o agrupamento de palavras é realizado “numa série mnemônica virtual” (Saussure, 2006, p. 143) e, segundo Maroneze (2008), as palavras podem estabelecer relações associativas entre si de três tipos: fonológicas, semânticas e morfológicas. No primeiro caso, a analogia se dá por meio do significante em comum; no segundo, devido ao significado das palavras; e, no terceiro, quando o elemento em comum diz respeito a ambos os casos simultaneamente.

Outrossim, embora as relações paradigmáticas se mostrem abstratas, por não ser possível observar a sua realização no cérebro humano, não ocorrem de modo aleatório, isto é, não é qualquer elemento que participa de uma determinada associação, é preciso que esses elementos combinem entre si. Vamos nos utilizar de uma metáfora para esclarecer esse ponto. Suponhamos que no cérebro há um arquivo com várias pastas dentro, cada pasta corresponderia a uma classe gramatical, ex.: pronomes, substantivos, artigos, entre outros. Essas pastas estão à disposição do seu “dono/do usuário desse cérebro e da dada língua”, assim, antes de verbalizar (por escrito ou oralmente) qualquer enunciado, esse antes passa pelo eixo da formulação, em que os elementos que constroem o seu dizer são selecionados nessas pastas. Se o falante diz: a menina está chorando, ele escolheu, mesmo que inconscientemente, cada um desses termos, posto que poderia emitir outros, por exemplo: a menina chora, a pequena chorou, a criança chorava, e afins.

É fato que todo sintagma vai necessariamente se apoiar em relações associativas. Quando surgem outras formas, surgem também as possibilidades de decomposição. Nesse sentido, uma “palavra é produtiva (ou seja, é capaz de servir como modelo analógico para formar outras) na medida em que é passível de ser “decomposta” (Maroneze, 2008, p. 4). O falante, mesmo que inconsciente, “aciona” as relações associativas para selecionar os sintagmas que melhor se encaixam no seu enunciado.

Desse modo, os grupos de palavras funcionam como modelos de comparação. No eixo paradigmático se analisa as palavras do mesmo grupo que podem aparecer no lugar dessa e no eixo sintagmático, as estruturas semelhantes. Como fora dito anteriormente, as relações associativas e sintagmáticas são interdependentes na linguagem. Essa interdependência se dá, pois, a distribuição espacial dos elementos é necessária para a análise dos sintagmas.

Antes de concluirmos a secção, traremos um exemplo atribuído ao próprio Saussure, apresentado no *Curso de Linguística Geral*:

Figura 1 – Esquema de relações associativas



Fonte: Saussure, 2006, p. 146.

Observe que, a partir da palavra ensinamento, tem-se no tipo morfológico a seguinte associação: ensinar, ensinemos, ensinaremos, ensino etc., ou seja, há o radical “ensin” em ambos os termos, além do fato dessas palavras compartilharem o mesmo campo semântico. No ponto semântico, tem-se: aprendizagem, educação, conhecimento etc.; observe que não há semelhança alguma no léxico, na estrutura dessas palavras, apenas partilham o campo semântico. E, em desfiguramento, armamento, elemento, lento etc., o único elemento em comum entre os termos é o sufixo. Acrescente-se a isso, que, cada uma dessas famílias associativas (assim como todas as demais) não apresentam um número limite de palavras, isto é, possuem um número ilimitado de palavras (Saussure, 2006).

3.2. O que são relações sintagmáticas?

De início, é fundamental para a compreensão das relações sintagmáticas em Saussure (2006) que tratemos da noção de signo. No Curso de Linguística Geral (1975), tem-se que o signo é formado pelo significado e pelo significante, em que “poder-se-ia chamar à língua⁴ o domínio das articulações, [...] cada termo linguístico é um pequeno membro, um articulus, em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia” (Saussure, 2006, p. 131). Assim, cada signo é formado por uma imagem acústica – o significante – e um conceito – o significado– que se formulam na psique do falante de uma língua.

⁴ Como visto na introdução, para Saussure a língua é estruturada, mensurável.

Figura 2 – Conceito e imagem acústica



Fonte: Saussure, 2006, p. 80.

Ao nos dirigirmos à proposta própria da sessão, um novo elemento comparece à discussão, o sintagma. Tem-se que “a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras)” (Saussure, 2006, p. 143-144), formando uma cadeia linear. Ademais,

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas (Saussure, 2006, p. 142).

Aqui, o discurso é dito no campo da enunciação, do expor e do comunicar. Sendo assim, não é possível dizer x e y ao mesmo tempo, há, portanto, uma escolha linguística, como expõe Bez e Aquino (2011) ao afirmar que “as relações sintagmáticas, por sua vez, representam as escolhas dos falantes, aquilo que foi recortado dentro das alternativas disponíveis” (Bez e Aquino, 2011, p. 11), sendo estas últimas as relações associativas. Dessarte, as relações sintagmáticas funcionam “*in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva” (Saussure, 2006, p. 143), e são tidas como o eixo da combinação, pois é nela que os elementos linguísticos são ligados produtivamente.

Nesse momento, cabe dizer, os elementos significam na oposição. Ao enunciar “Essa árvore é uma macieira”, há um contraste em que não é qualquer árvore, mas uma macieira, como no exemplo. Acabamos de evocar a noção de valor, pois há um valor para cada palavra que a distingue de outra. Essa relação de oposição também é perceptível nos fonemas, menores unidades distintivas não significativas da língua, em que um “o” isolado não corresponde a algo em específico,

mas em contraste com “a” em bola/bala, significa pela distinção, evocando no signo um conceito e uma imagem acústica diferente do outro. Destarte, há uma relação de dependência, da mesma forma que como sujeitos de língua, também dependemos dela para significarmos como sujeitos em sociedade, distanciando-nos dos animais pela racionalidade e pela capacidade linguística avançada.

4. Desdobramentos e aplicações das relações associativas e sintagmáticas

As discussões referentes às relações associativas e às relações sintagmáticas não se encerram na leitura do *Curso de Linguística Geral*, mas ecoam nas formas de se comunicar, no ensino e em como pensamos as aplicações das palavras nos diversos contextos, termo que não estava inserido nesses estudos, mas cobra seu lugar nas reflexões teóricas da atualidade.

Iniciamos com um apontamento acerca da condição patológica acarretada pela afasia. A afasia corresponde a uma sequela cerebral, frequentemente advinda de acidentes vasculares cerebrais (AVC), esse distúrbio compromete a capacidade de comunicação do indivíduo, fazendo com que esse possa não mais gerar frases encadeadas, nem falar ou entender o que os demais dizem. Essa condição pode aparecer, sobretudo, na repetição de palavras, mas, de fato, dependerá do grau da lesão cerebral (França, 2022).

Segundo Morato (2012, p. 180), foi só a partir de meados do século XX que se passou a pensar a afasia como uma “alteração do sistema linguístico como um todo (fala, audição, leitura e escrita)”. Nesse cenário, Roman Jakobson (1981) foi um dos responsáveis por observar que o processo, tanto de perda da linguagem quanto o de aquisição, está diretamente relacionado ao que foi proposto nos estudos do estruturalismo e do funcionalismo. Quanto ao Estruturalismo, corrente a qual nos propomos a discutir nesse estudo, compreende-se com Morato (2012) que a afasia é uma patologia que fere as normas e os padrões estruturais e gramaticais da língua.

De modo geral, infelizmente, não se tem dados numéricos sobre quantas pessoas no Brasil foram/são atingidas pela afasia, mas segundo a National Aphasia Association (NAA), nos Estados Unidos mais de dois milhões de pessoas foram acometidas por esse distúrbio. O que revela uma alta taxa, sobretudo, se se projetar essa média para o mundo todo. Observe abaixo um recorte de um diálogo de uma pessoa afásica, retirado do relatório de estágio doutoral da professora Aniela Improta França (2000, grifos nossos):

[Mãe e filha no sofá, vendo TV. Mãe se apoiando no braço do sofá para se levantar]
 Filha: Mãezinha, fica aqui mais um pouco comigo.
 Mãe: Não, não [se levantando].
Sete quatro! Cozinha! Empadão, forno. Almoço.

Em itálico, grifamos um conjunto de palavras proferidas pela mãe (pessoa com afasia). Nesse diálogo, tal qual Jakobson (1981, p. 42) apontou, a mãe não consegue relacionar termos que tenham semelhança de algum tipo, exemplo, empadão não é sinônimo ou substituível semanticamente pelos demais termos ali presentes, nem possuem elementos morfológicos ou fonológicos entre si. Desse modo, há um rompimento ou falha na execução no eixo paradigmático.

Algo semelhante ocorre com o eixo sintagmático, posto que a mãe não consegue combinar os termos na cadeia linguística. De início, ela profere dois números, que não estão interligados por sucessão, e na sequência surgem outras palavras como “Empadão, forno. Almoço”, o que podemos interpretar como “tem um empadão no forno para o almoço”. Contudo, não há nenhuma unidade verbal no enunciado. Tal exemplo elucida o trabalho realizado pelos eixos sintagmático e paradigmático para a realização de uma comunicação efetiva.

Nesse segundo momento, pensaremos acerca dos desdobramentos desses eixos dicotômicos na corrente de estudos linguística chamada Análise de Discurso Materialista (doravante AD). Embora a AD, diferente do Estruturalismo, não trabalhe com a língua “enquanto um sistema abstrato, mas sim com a língua no mundo” (Orlandi, 2005, p. 15-26), os eixos paradigmático e sintagmático continuam operando na e para a constituição dos efeitos de sentido. Esclarecendo, para a Análise de Discurso Materialista os efeitos de sentido são os modos como os dizeres significam em determinadas condições dadas, o que não depende exclusivamente da palavra, mas da sua relação com a exterioridade.

A seguir traremos alguns exemplos, nesse primeiro momento observamos pelo viés estruturalista. Partindo da materialidade escrita temos:

Imigrantes invadem nossas fronteiras
 e
 Refugiados chegam ao nosso país

Para o senso comum, imigrantes e refugiados costumam ser tratados como equivalentes, pois ambos são utilizados para se referir a pessoas em situação de deslocamento. No entanto, à luz da teoria de Saussure sobre o valor linguístico, esses signos possuem significações distintas,

definidas internamente ao sistema da língua. Ainda assim, integram a mesma série paradigmática, tendo em vista que os dois ocupam a posição de sujeitos nas suas respectivas frases, nomeiam grupos humanos em deslocamento, igualmente: expatriados, deslocados e asilados, e podem ser utilizados na mesma posição em uma série enunciativa.

Observa-se que a mesma relação ocorre com os verbos chegar e invadir, visto que, embora distintos em carga semântica e em valor discursivo, podem ser considerados membros de uma mesma série associativa. Ressaltamos que a noção de valor, a diferenciação do pensamento de Saussure, é a significação interna à língua. Posto que, nesse momento, Saussure não trabalhava questões externas, como a significação social das palavras e/ou o contexto de uso (tais elementos ficaram detidos ao estudo da fala).

No eixo paradigmático, a combinação dos termos em “imigrantes invadem nossas fronteiras” e “refugiados chegam ao nosso país” é a mesma, seguem a estrutura básica da oração: sujeito + verbo + complemento. Caso essa ordem seja modificada para “chegam país ao refugiados nosso”, a oração se tornaria incompreensível, agramatical. É preciso que haja uma ordem gramatical, isto é, uma estrutura.

Já na Análise de Discurso Materialista há a consideração da Ideologia, da historicidade, do exterior e de todas as implicações daí decorrentes. Entretanto, e aqui evidenciamos o porquê de realizarmos o contato entre o Estruturalismo e a Análise de Discurso Materialista, na relação que estabelecemos há uma materialidade linguística e nela há escolhas de palavras (paradigma) - mesmo que a AD considere que essas são coordenadas pelo inconsciente e a Ideologia - há nesses enunciados uma organização sintática (sintagma) que se fazem materialidade do discurso. Nesse sentido, no estruturalismo o sentido da palavra se dá sem a consideração da exterioridade, enquanto para a AD esteja em funcionamento as formas de reprodução/transformação social, já que a exterioridade é partícipe do sentido.

Ainda explorando essa relação, voltamos nossa reflexão para o ensino nas escolas. Partimos do pressuposto de que ao aprendermos as palavras, aprendemos seus significados e a forma de usá-las. Desse modo, no eixo paradigmático e sintagmático temos as palavras e as estruturas de combinação destas que são como visto mobilizadas para o uso em sociedade. Mobilizamos o exemplo anterior novamente.

Em uma sala de aula, o professor pede aos estudantes que montem uma notícia referente às guerras que estão ocorrendo em 2025⁵. Ao mobilizar as relações sintagmáticas, o aluno escolhe a palavra “invadem” para se referir aos expatriados de sua nação, associando, nas relações sintagmáticas, o sujeito “imigrante” e o predicado “nossas fronteiras”. Temos aqui uma oração.

Para reflexão, o professor pode questionar por que o termo “invadem” e não “chegam”? Esse questionamento parte da percepção de que pelas relações associativas se organizarem no cérebro/mente, isto é, os signos estão disponíveis nesse espaço mental e se relacionam sintaticamente (no eixo sintagmático) dentro das opções disponíveis, há a seleção dos termos com sua significação (interna). Retomando as discussões da Análise do Discurso, compreendemos que o estudo da exterioridade da língua é possível pelo fato de as relações associativas e sintagmáticas possibilitarem isso na estrutura da Língua, isto é, se podemos pensar em sentidos diferentes para a palavra “chegar” e “invadir” em relação à exterioridade é porque as relações associativas já a compreende em associação, mas em diferente significação, mesmo que internamente ao sistema linguístico (no estruturalismo).

Assim sendo, é possível observar também o funcionamento das relações paradigmáticas e sintagmáticas no ensino da disciplina de Língua Portuguesa através de atividades pedagógicas que são comumente realizadas em sala de aula, sobretudo, nos anos iniciais até o ensino fundamental II. Essas são atividades que visam explorar a substituição e a memorização para a construção do saber, trata-se do momento em que os estudantes estão aprendendo a produzir sentenças (anos iniciais) ou trabalhando as noções de polissemia, ambiguidade e relações de sinonímia e antonímia (ensino fundamental II).

No eixo paradigmático, essas atividades propõem, em geral, a substituição de palavras, por exemplo: há um conjunto de frases e o exercício solicita que os estudantes substituam determinado termo por outro que partilhe o mesmo campo de sentidos. São também atividades para que o estudante complete frases, adicionando a que melhor se encaixa naquele dado contexto, explorando desse modo as múltiplas possibilidades. É possível também que o docente solicite a criação de frases ou pequenos textos com base em um tema/mote central, assim trabalhando as relações entre tema e as palavras que daí derivam ou partilham o mesmo campo semântico.

⁵ Dentre os conflitos espalhados pelo mundo, fazemos referência a Guerra Israel-Irã que foi/é um conflito armado entre as duas nações, que teve grandes ataques entre 13 a 24 de junho de 2025.

Desse modo, o estudo de hipônimos e hiperônimos também faz parte dessa lógica de substituição dentro de um paradigma lexical. O hiperônimo é o termo mais geral ou abrangente; como exemplo temos que: fruta é hiperônimo de maçã, banana, laranja, enquanto o hipônimo é o termo mais específico dentro de um campo semântico, em termos de exemplo: maçã é hipônimo de fruta. Desse modo, traçam-se relações paradigmáticas.

No eixo sintagmático, os exercícios escolares podem tender mais para a construção de sentenças nos anos iniciais, conforme ilustra a imagem abaixo, retirada de uma apostila para o 2º ano do ensino fundamental.

Figura 3 – Atividade escolar

1 – **ORDENE** as palavras e forme frases.

a) do capivara o é roedor maior A mundo.

b) a bicicleta Papai já levou o para conserto?

Fonte: Google, Colégio Nossa Senhora do Monte Calvário (2020).

Conforme o estudante vai avançando os anos de estudos, vão sendo adicionadas às atividades elementos morfológicos. Seja trabalhando a ordem dos elementos da oração (propondo variações sintáticas), o encadeamento de ideias e a progressão sintagmática, variações de estrutura frasal mantendo o sentido (aqui cabe pensar na transformação da voz passiva para a ativa e vice-versa, muito recorrente no ensino). Esses são apenas alguns exemplos dessas aplicações.

Sendo possível que uma série de exercícios mescle atividades baseadas nos pressupostos paradigmáticos e sintagmáticos, assim como é possível que haja essa intersecção em uma mesma questão, exemplo, um exercício que vise trabalhar como a troca de palavras (paradigma) e a reorganização da frase (sintagma) afetam o sentido, a conjugação dos verbos, a utilização dos complementos e o estilo da frase.

Ademais, observa-se que todos esses desdobramentos passam, primeiramente, por uma construção abstrata (isto é, que ocorre na mente humana), para depois se materializarem na língua (oral ou escrita).

5. Considerações finais

Ao longo do trabalho, realizamos um percurso acerca do estruturalismo linguístico, o qual nos permitiu compreender a relevância dessa corrente como uma abordagem fundadora para os estudos da linguagem no século XX. Iniciamos com a constituição da linguística enquanto ciência com a publicação do CLG, escrito com base nas anotações dos alunos de Ferdinand de Saussure, até chegarmos aos seus desdobramentos e aplicações em outros campos teóricos.

Partimos do enfoque à dicotomia entre as relações paradigmáticas (associativas) e as relações sintagmáticas (combinatórias), ao mesmo tempo, em que reafirmamos a utilidade e importância de ambas; não nos detendo a observá-las somente como eixos dissonantes. Tais categorias não apenas explicam a organização interna do sistema linguístico, mas também fundamentam a existência de outros campos e de estudos que auxiliam em nossas vidas. Seja no diagnóstico e na compreensão da afasia, nos estudos linguísticos de correntes posteriores, no ensino da língua portuguesa, entre outros setores e aplicações.

Desse modo, destacamos que não há funcionamento da língua sem as relações paradigmáticas e sintagmáticas, uma vez que todo processo de construção linguística depende dessas duas formas de relação. Exemplificando: Se não houvesse escolha possível entre palavras (paradigma), as sentenças seriam mais limitadas (o que não significa menos complexas), assim como, se não houvesse possibilidade de combinação ordenada (sintagma), a comunicação seria caótica, ninguém se entenderia.

Por fim, concluímos que a perspectiva estruturalista, em meio a críticas, recusas, adesões e superações posteriores, ainda apresenta uma contribuição essencial para os estudos linguísticos. Tendo em vista que foi responsável por iniciar uma nova fase não só na linguística moderna, mas também nas ciências humanas e sociais, estabelecendo bases sólidas para a compreensão científica da linguagem.

Nesse sentido, seu estudo permanece relevante tanto no campo teórico quanto na prática analítica, uma vez que possibilita a compreensão do funcionamento da língua, base para a comunicação/compreensão dos indivíduos em sociedade. E, por conseguinte, dialoga e influencia em outros estudos linguísticos e perspectivas científicas atuais que consideram os usos sociais, históricos e ideológicos da língua.

Referências

- BARBISAN, L. B.; FLORES, V. N. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAN, Claudine. *Convite à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- BEZ, A. S.; AQUINO, C. Saussure e o estruturalismo: retomando alguns pontos fundamentais da teoria saussuriana. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 42, p. 5-17, jun. 2011.
- COLÉGIO Nossa Senhora do Monte Calvário. Atividades sobre frase. [S. l.], 2020. Disponível em: https://www.galaxcms.com.br/imgs_redactor/1837/files/LP%20conceito%20de%20frase.pdf. Acesso em: 13 jul. 2025.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário das ciências da linguagem*. Lisboa: Dom Quixote, 1982.
- FRANÇA, A. I. O que é afasia? In: OTHERO, G. Á.; FLORES, V. N. (Org.). *O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 15-20.
- FRANÇA, A. I. Relatório de estágio doutoral contendo a transcrição de vídeos de conversas com afásicos, retiradas do acervo do Ambulatório de Afasia do Serviço de Neurologia do Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói, RJ, coordenado pelo Professor Osvaldo Nascimento, 2000 (ms).
- ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística 3: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- MARONEZE, B. O. As concepções saussurianas de formação de palavras. *ReVEL*, edição especial, n. 2, 2008.
- MORATO, E. M. Neurolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 167-200.
- MYERS, T. Saussure, memiología y estructuralismo. La fonda filosófica: donde las ideas se meriendan. 2015 Disponível em: <https://www.dailymotion.com/TommieMyers>. Acesso em: 23 jul. 2025.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
-